de Sousa (eds.), *Kierkegaard and the Challenges of Infinitude*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013, p. 115-27; idem, «'Who's There?': a Crise e a Repetição do Eu em Fernando Pessoa», *in* III Congresso Internacional Fernando Pessoa, <http://www.congressointernacionalfernandopessoa.com/comunicacoes.html> (2013); idem, «Mythologising the Exiled Self in James Joyce and Fernando Pessoa», *in* <http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue4/PDF/I4A04.pdf>, p. 75-103 (2013). Os dois últimos artigos referidos, embora não mencionem Kierkegaard no título, contêm variadas referências ao filósofo dinamarquês no confronto com Pessoa. Bartholomew Ryan prepara presentemente para publicação próxima um livro intitulado *Theatres of the Self*, sobre Kierkegaard e Pessoa.

2 Eduardo Lourenço, *Fernando, Rei da Nossa Baviera*, 2.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, p. 100.

3 *Ibid.*, p. 106.

4 Apenas a título de exemplo, recordemos que Paul Ricœur publica *Soi-même comme un autre* apenas em 1990, que a antologia de Manfred Frank, Gérard Raulet e Wilhelm van Reijen, *Die Frage nach dem Subjekt*, é de 1988, e que o volume colectivo *Tod des Subjekts?*, organizado por Herta Nagl-Docekal e Helmutt Vetter, e que contém textos fundamentais de Lyotard, Manfred Frank, Ferry/Renaut e Volker Gerhardt, é de 1987.

5 Joakim Garff, «The Eyes of Argus — The Point of View and Points of View with Respect to Kierkegaard's 'Activity as an Author'», *in* Daniel Conway, K. E. Gover (eds.), *Søren Kierkegaard — Critical Assessments of Leading Philosophers*, Londres, Routledge, 2002, p. 71-96.

6 Genia Schönbaumsfeld, *A Confusion of the Spheres. Kierkegaard and Wittgenstein on Philosophy and Religion*, Oxford/Nova Iorque, Oxford University Press, 2007, em especial p. 61-8.

7 A tradução das citações é da minha responsabilidade.

8 Transcrevo a partir de Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, Obras de Fernando Pessoa, vol. 4, org. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005, p. 289.

9 Bellaiche-Zacharie cita esta expressão a partir de André Clair, *Pseudonymie et paradoxe*, Paris, Vrin, 1976, p. 27.

SAINT-JOHN PERSE/CALOUSTE GULBENKIAN

Expressão de amizade, esta correspondência* é um diálogo entre dois homens de excepção. Embora com antecedentes e formações distintas, partilham em muito de um mesmo olhar, designadamente no tocante ao andamento da vida internacional, ao universo das artes, bem como ao apelo e diversidade da natureza, de que ambos se confessam grandes apreciadores.

Sensivelmente da mesma geração[1], são eles: o francês Alexis Leger (poeta consagrado sob o pseudónimo de Saint-John Perse), diplomata de carreira que deteve elevadas responsabilidades políticas nos anos anteriores à Segunda Guerra, e que após o Verão de 1940 decide instalar-se em Washington, e por lá ficar, longe das urgências e afazeres do mundo, cultivando amizades e influências a modos de um grande senhor numa espécie de isolamento voluntário, a que chamará desdenhosamente de exílio; e Calouste Gulbenkian, a residir desde 1942 no Hotel Aviz, em Lisboa, famoso pela sua enorme fortuna, homem de projectos, filantropo e negociador de pulso, apelidado de *O senhor cinco por cento* devido à percentagem auferida nos dividendos da Iraq Petroleum Company, coleccionador de arte igualmente reconhecido e respeitado a nível mundial.

Em 1946, data em que esta correspondência se inicia, é já antiga a relação que os une: remonta à década de 1920, em Paris, quando Alexis Leger exercia funções de destaque no Quai d'Orsay e Gulbenkian beneficiava de estatuto diplomático como representante da Pérsia. No prefácio escrito em francês para esta edição da Gallimard, Vasco Graça Moura esclarece: «Foi em Paris que Alexis Leger se tornou íntimo de Calouste Gulbenkian. Frequentava a grande casa onde muito poucos estrangeiros eram aceites no círculo familiar e ouvia as suas confidências.» Gulbenkian criara igualmente relações de proximidade com a mãe de Leger, circunstância a que este se refere penhorado por mais de uma vez. Este pano de fundo explica a facilidade com que anos mais tarde, já depois da guerra, lhes foi possível reatar contacto.

Sobre o relacionamento entre ambos, Gulbenkian dirá: «Nós temos da vida, dos homens, e do mundo onde eles se agitam uma visão quase idêntica, daí resulta uma comunidade de sentimentos assaz excepcional e muito preciosa»[2], pelo que não há aqui confronto mas, pelo contrário, uma cumplicidade em forma de convívio que se alimenta de uma estima mútua e se vai reforçando com o passar dos anos.

Embora confie no seu interlocutor, com quem partilha ideias e emoções e por quem nutre uma antiga admiração, Gulbenkian mostra-se reservado no que diz, cauteloso em muitas das suas apreciações, o que traduz quiçá um traço de carácter mais do que uma inclinação de espírito. Figura de uma só peça, sem grandes ilusões sobre a natureza

humana, a severidade exprime um modo de estar e de se acautelar, é o seu lado arménio, se assim se pode dizer, ou simplesmente oriental, segundo parecer do seu biógrafo: «Espiritualmente, foi sempre um oriental — nos negócios e na sua vida privada»[3]. A verdade é que Gulbenkian jamais renegou o mundo que era o seu, as raízes de onde provinha. Como todo o elemento de uma raça excomungada ou perseguida, conhecia as provações por que passara o seu povo, massacres e exílios, e a sua memória permanecia-lhes fiel, à maneira de um íntimo tributo nunca esquecido. Aliás, «Calouste falou arménio no meio familiar toda a vida»[4], pormenor que está longe de ser despiciendo na definição do homem. A língua da terra natal ficará para sempre, aos seus olhos, como uma primeira paisagem insubstituível.

Talvez valha a pena abrir aqui um parêntesis e referir a sugestão feita por Gulbenkian a Leger, logo no início da correspondência, no sentido de ambos passarem a assinar as suas respectivas mensagens com o nome fictício de *Douglas*, a fim de eventualmente iludir algum excesso de curiosidade alheia. Esta insólita proposta, com o seu quê de anedótico, é, a meu ver, assaz elucidativa do pendor desconfiado e da permanente reserva mental que o caracterizavam, quaisquer que fossem os assuntos ou as circunstâncias.

Surpreendente, todavia, é noutro plano a qualidade do francês escrito e a mestria que dele revela, a que não faltam, aqui e ali, traços de elegância. Referindo-se, por exemplo, a Paris, que sempre fora do seu particular agrado, lembra «a beleza serena e tão comovente» da cidade[5]. Recorde-se que Gulbenkian se torna proprietário em 1922 do célebre palacete situado no número 51 da Avenida d'Iéna — depressa transformado em museu-tesouro das suas muitas e diversas colecções —, onde passará a residir. Mais tarde, fazendo menção de um quadro de Rembrandt, na sua posse há já alguns anos, escreverá: «Revejo-o com frequência tal como o tinha em minha casa, despojado do seu vidro, banhado por uma luz mágica que sabia exumar daquele rosto tão singular toda a sua nobreza e doce severidade»[6].

Paralelamente, e este é um factor a ter em conta na apreciação de ulteriores decisões suas, Gulbenkian sublinha quão agradável lhe é viver em Portugal — a tranquilidade de espírito de que dispõe para trabalhar, a ordem pública, a excelência do clima, a simpatia das gentes, a confiança nos cuidados clínicos[7]. Exílio que se prolongará por muitos anos, até ao fim, por vontade do próprio. Não faz aqui, porém, considerações políticas sobre a situação portuguesa, quiçá por recear intromissões da censura, ou por se lhe afigurar desnecessário expor indevidamente a terceiros opiniões de semelhante natureza.

Estas cartas revelam, contudo, o perfil empenhado e sabedor do coleccionador de arte, iluminam as suas coordenadas estéticas, assim

como o seu conhecido gosto pelo belo, fascínio não isento de alguma nostalgia. Numa palavra, humanizam-no, até porque, ao contrário do seu interlocutor, não há por parte de Calouste Gulbenkian pose alguma. Apenas a presença de um homem dominado por uma extrema exigência, para consigo antes de mais, porventura a melhor expressão da sua autenticidade, e, por isso mesmo, mais afeito à sombra de que ao palco, sabendo ele e sabendo todos aqueles que o rodeavam ser a discrição uma atitude deliberada que não comporta falsas modéstias. Velha verdade esta: quem manda não precisa de levantar a voz.

São constantes igualmente as referências à vasta propriedade que Gulbenkian adquirira na Normandia, *Les Enclos*, que merece a ambos um comum entusiasmo, suscitando sobretudo por parte do francês, que nunca terá oportunidade de a visitar, toda a espécie de minuciosas considerações sobre o porte e a pujança das grandes árvores — que tanto o haviam de inspirar —, assim como o cenário que em redor as ampara e envolve. Olhar de conhecedor que exprime, ao mesmo tempo, a grata divagação de quem ama o que imagina.

As missivas de Alexis Leger, num total de 44, perfazendo o dobro das de Gulbenkian, são regra geral, mas tal não é de admirar, de elevado apuro literário, sem lhes faltar tão-pouco a arte do retrato, ao jeito da melhor tradição francesa. Leger dá largas à sua cultura, em particular no campo da pintura, que analisa e interpreta com rara acuidade. E aproveita esta oportunidade para se valorizar ante o seu correspondente: mostra-se à vontade em toda a parte e em todos os meios, fala de igual para igual com os grandes deste mundo, e fá-lo saber nestas cartas. O que não o impede de maldizer um ou outro político de quem guarda antigos rancores.

Pormenor curioso que confere a todo este conjunto uma específica dimensão: pelo que se depreende em carta de Gulbenkian enviada de Lisboa em Janeiro de 1949, o milionário propôs-se, a título confidencial, socorrer o seu amigo, cuja precária situação financeira não ignorava, outorgando-lhe nesse ano o montante de seis mil dólares, logo renovado por mais um ano, sem que se saiba se posteriormente semelhante operação se veio a repetir. Em contrapartida, o milionário solicita a sua opinião em assuntos de natureza política e cultural — hipotética reciprocidade que se me afigura apenas constituir por parte do mecenas, para lá do evidente apreço pessoal, uma forma indirecta de salvaguardar o pundonor do seu destinatário.

Do ponto de vista internacional, são anos conturbados os que medeiam entre 1946 e 1954. Está-se no imediato pós-guerra e receia-se uma nova conflagração mundial, devido às numerosas zonas de fricção e pontos em litígio — entre outros, a emergência das Nações Unidas como fórum político da diplomacia internacional, o estatuto de Berlim

e a questão alemã, a criação do Estado de Israel, a dissidência titista nos Balcãs, a Guerra da Coreia, as ambiguidades anglo-americanas em relação ao Irão e à figura controversa do primeiro ministro Mossadegh, a corrida ao armamento militar e atómico, em resumo, os primórdios da Guerra Fria —, tendo por horizonte imediato uma Europa arruinada a braços com a imensa tarefa da sua própria reconstrução, ambicionando criar do mesmo passo os parâmetros de uma nova sociedade, que se queria mais justa e livre.

Neste quadro de grande incerteza, Gulbenkian solicita a Alexis Leger — mormente ao ex-diplomata e antigo Secretário-Geral do Quai d'Orsay, residente em Washington, epicentro do mundo ocidental — o seu parecer sobre um conjunto de temáticas, muito em especial o estado de espírito existente nos Estados Unidos, quer na opinião pública, quer no escol governativo, assim como a sua premonição quanto ao futuro das relações euro-atlânticas. (Os poderosos gostam de diversificar as suas fontes de informação.)

Pela volta do correio, Leger esclarece diversos aspectos da sociedade americana, tanto no respeitante à situação política e económica como à posição dos principais protagonistas nela envolvidos. Observações onde se denota um juízo certeiro, a par de um igual conhecimento das questões em causa, até porque são temas que estudou, cuja evolução e problemática domina. A despeito de se assumir politicamente como pró-americano, analisa com distante frieza algumas singularidades da mentalidade norte-americana, sublinhando o vazio existencial, a ignorância cultural, a falta de maturidade, a incapacidade em apreender a essência das coisas. Ao hóspede do Hotel Aviz que mostra curiosidade em saber se a América «tem alma» — pergunta eminentemente esclarecedora sobre quem a faz —, Leger responde com estas linhas enviadas de Washington a 14 de Setembro de 1949:

> À mais bela mulher falta-lhe feminilidade, e ao mais belo fruto o secreto sabor [...]. Mas a ausência de cultura humana e de maturidade, de coesão íntima e de estabilidade, sob tão visível aparência de automatismo e de vitalidade, a incapacidade em dominar a arte de viver e a profunda inaptidão em alcançar uma sabedoria humana [...]. Resultado: um povo incapaz de algum dia realizar, mesmo de longe, aquela felicidade individual, que é para eles o fim último a ponto de o ter inscrito na Constituição!

Por seu turno, Gulbenkian associa-se às dúvidas e prevenções do seu amigo quanto à sensatez política, ou falta dela, por parte dos americanos: «parece-me que cometem muitos disparates; e, apesar da inteligência prática que é a deles, são pouco psicólogos e a essência das questões que lhes incumbe tratar escapa-lhes com demasiada frequência»[8].

É este um traço que merece ser sublinhado: avessos a abstracções ideológicas e a esquemas mentais, ricos de vivências internacionais pouco comuns, cientes tanto um como outro do seu valor, atribuem particular relevância à perspicácia da intuição psicológica susceptível, em numerosas instâncias, de melhor destrinçar situações e decifrar comportamentos.

De assinalar, ainda, que coleccionador apaixonado por tantas das suas preciosidades e obras-primas — empenho e percurso de uma vida inteira! —, atento a tudo aquilo que as possa, de uma forma ou de outra, comprometer ou desvalorizar, Gulbenkian mostra-se hesitante quanto ao destino final a dar às suas colecções de arte, que receia se venham a dispersar, e também sobre isto trocam livremente impressões. A dado passo, Leger aventa a hipótese de se criar uma fundação com eventual sede em Paris, proposta a que Gulbenkian não dará resposta...

É um dado curioso que a relação constante destas cartas não venha mencionada, quer na biografia de Alexis Leger/Saint-John Perse, quer na de Calouste Gulbenkian. Ora esta correspondência está longe de ser menor ou meramente circunstancial.

Na esclarecedora e pormenorizada introdução já acima referida, intitulada «Alexis Leger e Calouste Gulbenkian ou As afinidades improváveis», Vasco Graça Moura alude por igual à estranheza deste facto sem lhe encontrar explicação plausível ou convincente: «Fica-se intrigado perante uma omissão tão radical, atendendo ao volume da correspondência entre os dois homens, à mútua admiração e à inegável dívida de gratidão contraída e expressa por Alexis Leger para com o seu amigo», para de seguida acrescentar: «Parece com efeito verosímil que o diplomata no exílio não desejasse que os seus problemas financeiros fossem postos a nu na praça pública».

Tenho para mim que a chave de tão intrigante omissão se deve precisamente a essa relação de dependência financeira de Leger para com Calouste Gulbenkian. Não convinha, na verdade, que outros dispusessem de semelhante informação para todos os efeitos pouco prestigiante da sua pessoa.

Sabe-se, por outro lado, que Saint-John Perse cuidou ele próprio de superintender os verbetes biográficos que viriam a constar do volume da Pléiade dedicado à sua obra, prática esta pouco ou nada usual, mas perfeitamente consentânea com o biografado, que sempre se mostrou particularmente cioso de edificar o pedestal da sua posteridade. Tanto assim que muitos desses dados foram alterados, quando não mesmo adulterados, por exclusiva iniciativa do interessado.

Contudo, a mais recente biografia do poeta, datada de 2013 — estimulante ensaio, seja dito de passagem, da autoria de Henriette Levillain[9], especialista da obra de Saint-John Perse —, já refere esta

relação, bem como o entendimento pecuniário a ela subjacente. De caminho, a autora dá-nos um retrato mitigado, que se me afigura, no entanto, justo, da personalidade um tanto ambivalente de Alexis Leger — entre o interesseiro e o mitómano. A tal ponto que em muitas das cartas endereçadas a Gulbenkian se torna amiúde incomodativo os excessos de deferência, para não dizer de subserviência, com que Leger tece repetidamente elogios à pessoa do seu interlocutor. Sem que se perceba onde começa e onde acaba a fronteira da lisonja. É certo que o faz envolto numa roupagem erudita de grande letrado, que é um pouco como quem diz: só ajuíza do mérito alheio quem dele, por igual, é detentor. O homem, porém, tinha destas falhas e demonstrou-o por mais de uma vez[10]. Entre parêntesis, é coisa conhecida, sobretudo nos meios literários: o talento poucas vezes anda de par com o carácter.

Posto isto, são evidentemente temperamentos bem mais complexos do que à primeira vista se possa supor. Apontam ambos no plano pessoal para caminhos mais altos e sofrem, em permanência, de uma consciência moral insatisfeita. Daí que estas páginas sejam também o encontro entre sensibilidades solitárias que procuram, de parte a parte, pontos de equilíbrio e de continuidade, cada uma sendo reflexo da outra. Jogo de espelhos, interrogação que se alimenta das reacções que suscita e nelas se prolonga, toda a epistolografia, sobretudo quando abarca tanto tempo, se transforma num cruzamento autobiográfico a duas mãos. Donde, por igual, o interesse destas impressões de índole tão diversa, que se sucedem e se articulam entre si. No caso presente, dois homens e as suas circunstâncias, com imaginários provenientes de diferentes geografias.

De qualquer modo, esta correspondência, à sua maneira retrato-testemunho de uma época, interrompe-se em 1954, cerca de um ano antes do desaparecimento do milionário arménio. Por seu lado, Alexis Leger regressa definitivamente a França em 1957, após quase duas décadas em solo americano, empenhado em valorizar a projecção da sua obra. No longo período de tempo dividido entre Lisboa-Paris-Washington, a que estas cartas dizem respeito, nunca os seus signatários lograram encontrar-se fisicamente, de viva voz, apesar de uma ou outra tentativa nesse sentido; circunstância que confere a todo este acervo de documentos uma tonalidade própria resultante de um desfecho inesperado, tornando, todavia, possível a publicação deste livro, a tantos títulos, apaixonante. Há desencontros fecundos.

Uma última e pessoalíssima observação. É-nos difícil mencionar Alexis Leger, o correspondente assíduo destas páginas ou o analista político que nelas dá mostras de grande lucidez[11], sem evocar do mesmo passo o perfil um tanto lendário do poeta Saint-John Perse, Nobel de Literatura em 1960, aqui tantas vezes presente, como que emboscado.

Sim, como olvidar o autor, entre outros, de *Exílio*, *Ventos*, *Pássaros* — títulos-síntese de uma obra — e a sua tão peculiar apreensão do mundo, que exorta e exalta a Natureza e com ela estabelece um diálogo ininterrupto onde tudo se funde em pura comunhão cósmica, a começar pela própria essência da sua plenitude poética: lenta, envolvente, majestática, oceânica, crepuscular, iniciática linguagem carregada de heranças e de signos e, tantas vezes, admirável na sua visionária grandeza! De mensageiro e de profeta. Mas isso são rumos de um espírito diferente, fruto de outras exigências. Ou, melhor: indícios de uma outra verdade.

Marcello Duarte Mathias

NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia.]

* *Saint-John Perse/Calouste Gulbenkian. Correspondance 1946-1954*, org. Vasco Graça Moura, Paris, Gallimard, 2013. A tradução das citações é nossa.

1 Alexis Leger, 1887-1975; Calouste Gulbenkian, 1869-1955.

2 Carta de Lisboa, a 11 de Novembro de 1950.

3 Ver Ralph Hewins, *Calouste Gulbenkian, o Senhor Cinco Por Cento*, trad. Isabel Veríssimo, Lisboa, Texto Editores, 2009, p. 29. A edição inglesa é de 1957.

4 Idem, *ibid.*, p. 42.

5 Carta de Lisboa, 21 de Novembro de 1949.

6 Carta de Lisboa, 11 de Novembro de 1950.

7 Sabe-se que Calouste Gulbenkian tinha especial apreço pela competência profissional do seu médico assistente, Dr. Fernando Fonseca, tendo-o desafiado a acompanhá-lo ao estrangeiro, ou, eventualmente, a encarar a hipótese de lá viver. A recusa do médico em deixar Lisboa terá sido um dos factores que levaram o milionário a não querer sair de Portugal a título definitivo.

8 Carta de Paris, 16 de Maio de 1950.

9 Ver Henriette Levillain, *Saint-John Perse*, Paris, Fayard, 2013. Na nota 204, p. 500, pode ler-se: «En revanche, *la toute récente et très passionante publication* de la Correspondance avec Calouste Gulbenkian ...» (o sublinhado é nosso).

10 As cartas do funcionário diplomático Alexis Leger a Philippe Berthelot, então Secretário-Geral do Quai d'Orsay, são do mesmo tom e teor. Ver Jean-Luc Barré, *Le Seigneur-Chat: Philippe Berthelot 1866-1934*, Paris, Plon, 1988. Embora de forma intermitente, Berthelot foi, entre 1910 e 1934, a figura tutelar da diplomacia francesa, tanto em termos de concepção como de execução. Nessa qualidade, exerceu grande influência na geração de diplomatas-escritores em que se incluíam Claudel, Morand, Giraudoux, Leger. De assinalar que Berthelot e sua mulher, Hélène, pertenciam ao círculo íntimo do casal Gulbenkian.

11 Sobre o percurso profissional do diplomata Alexis Leger, colaborador dilecto de Aristide Briand, que acompanhará mais tarde Daladier a Munique, em Setembro de 1938, lê-se com proveito *Alexis Leger, ou, L'autre visage de Saint-John Perse* (Paris, Picollec, 1989), escrito por Étienne de Crouy-Chanel, seu colega na carreira, que serviu a seu lado no Quai d'Orsay durante sete anos, de 1932 a 1939.